

Primeira entrevista a «o Diabo»

«ESTAMOS MESMO DE REGRESSO A ÁFRICA»



■ Faz questão em frisar que é a primeira entrevista de fundo que dá ao nosso jornal. Recebe-nos quase no dobrar de 1990 com as presidenciais a ecoar fragilmente na rua e os espíritos voltados para as grandes crises internacionais, do Golfo à URSS. Na residência oficial, as preocupações eram, aliás, mais relativas à posição de Portugal nesse mundo em conflito do que propriamente sobre as filigranas da política partidária.

E decidimos orientar a entrevista para aí. Cavaco Silva tem falado muito sobre a política interna, da economia à defesa, das relações entre partidos às relações entre órgãos de soberania. Tem falado menos na política externa. Mas como dizia alguém, os pequenos Estados precisam de ter grandes políticas externas. Ou perdem tudo. Por isso, quisemos ouvir mais o Primeiro-Ministro voltado para o exterior do que o Primeiro-Ministro «doméstico».

Esta é, assim, a primeira grande entrevista de Cavaco sobre a estratégia diplomática portuguesa. Sobre os nossos caminhos no meio ambiente internacional, vistos pela lupa governativa. A abrir o ano, é uma novidade.

«o Diabo» — Quando do início do governo maioritário do sr. prof., em seguida ao já mítico 19 de Julho, disse-se que o Primeiro-Ministro iria ser o verdadeiro condutor da política externa portuguesa. É assim, ou foi assim? A afirmação é correcta?

Cavaco Silva — o Primeiro-Ministro conduz a política geral do Governo, seja ela interna ou externa. Mas tem, obviamente, uma influência determinante na orientação da política externa, sobretudo numa altura de mudanças na Europa e no Mundo.

Não é só em Portugal. Por alguma razão, em 1990, houve 6 Cimeiras de Chefes de Governo europeus: 4 da

CEE, 1 da NATO, 1 da CSCE.

«o Diabo» — É verdade que escolheu o doutor Deus Pinheiro para o lugar de MNE, sobretudo devido ao seu conhecimento de línguas? Quais foram os critérios que presidiram, essencialmente, a essa escolha?

C. S. — O Ministro dos Negócios Estrangeiros foi escolhido para o cargo porque podia e pode desempenhar correctamente as funções que lhe cabem.

«Rivalidades» com Belém?

«o Diabo» — É verdade que há «rivalidades» — à falta de outro termo mais sugestivo — entre o Governo e o Presidente da Repú-

«Escolhi o dr. Deus Pinheiro porque podia e pode desempenhar correctamente as funções que lhe cabem»

blica, na condução da política externa, sobretudo na área africana?

C. S. — Não há quaisquer rivalidades entre o Governo e o Presidente da República em matéria de política externa. A Constituição da República portuguesa é muito clara na matéria: compete ao Governo a condução da política do País, externa e interna. O Governo respeita e aplica a Constituição. E o Primeiro-Ministro, sempre nos termos constitucionais, informa semanalmente o Senhor Presidente da República

«Os africanos guardam um grande respeito pelos militares portugueses»

ca sobre matérias de política interna e externa.

Não há assim quaisquer dúvidas constitucionais sobre quem conduz a política externa.

O Primeiro-Ministro sempre tem promovido a cooperação institucional com os outros órgãos de soberania. Principalmente em matéria de política externa é fundamental que o País projecte uma só imagem.

O Senhor Presidente da República, através da sua acção, tem ajudado a afirmar Portugal no Mundo. Nas suas viagens oficiais ao estrangeiro é sempre acompanhado por membros do Governo.

África, «hello»...

«O Diabo» — À esquerda e à direita, fala-se hoje muito — quase obsessivamente — do «regresso a África». O que é que pode significar essa ideia?

C. S. — O vector africano é um vector importante da política externa portuguesa, que os meus Governos perspectivaram correctamente como hoje é amplamente reconhecido, contribuindo para o esforço da posição de Portugal naquele Continente e na cena internacional. A nossa cooperação com os PALOP tem vindo a desenvolver-se positivamente em quase todos os domínios: na língua e na cultura, na saúde, na formação, na comunicação social, nas relações empresariais, etc.

Como outras matérias de política externa, também as relações com África se devem colocar exclusivamente num plano de Estado. É o que temos feito. Estamos, pois, de regresso a África, como lá devemos estar depois do ciclo do império.

«O Diabo» — À distância, o que pensa que poderia ter sucedido, se, nos anos 60, se tivesse mudado a capital de Portugal para uma cidade

de africana, como Luanda ou Lourenço Marques?

C. S. — Não faria sentido. É uma especulação impossível. Portugal nasceu na Europa, a sua capital foi sempre na Europa, mesmo ao longo das diversas fases das navegações e do chamado império português no Mundo.

Não se muda uma capital após oito séculos de história.

«O Diabo» — Porque é que Portugal não é, geralmente, notícia na imprensa estrangeira?

C. S. — No news, good news, dizem os ingleses.

Até há alguns anos, Portugal era infelizmente notícia mas eram notícias não positivas.

Agora, as notícias quando aparecem são geralmente positivas e talvez por isso nem sempre citadas na nossa comunicação social. Hoje temos credibilidade e estabilidade.

Mas não creio que hoje Portugal seja menos notícia, na imprensa internacional, do que a Bélgica ou a Holanda, para falar apenas de países europeus e da nossa dimensão.

«O Diabo» — Nestas coisas de relação externa de Portugal, há sempre uma cortina de pessimismo, e às vezes de masoquismo. Tente contrariar essa tendência, citando alguns dos nossos triunfos estratégicos e triunfos recentes...

C. S. — Somos um dos países com melhores condições para fazer a ligação entre a Europa, os Estados Unidos e a África. Temos uma profundidade atlântica. Temos relações claras e amigas com os cinco países africanos de língua portuguesa e com o Brasil. Temos uma especial capacidade de relacionamento com outros países. Somos o único país eu-

«A Europa em construção tem de saber respeitar as diferenças nacionais»

ropeu em que quase um terço da população vive no exterior. Temos uma política externa bastante consensual em termos de forças políticas.

São estes, entre outros, triunfos estratégicos importantes.

«O Diabo» — Que recordações guarda do seu serviço militar em África? E que recordações pensa que os africanos guardam dos nossos militares?

C. S. — Recordações positivas e que cimentaram a minha simpatia pelas gentes africanas e uma certa atracção pela África. Não imagina como me prendeu o filme «África Minha», que há anos passou por Lisboa.

Mas eu não estive na fren-



«Não há quaisquer rivalidades entre o Governo e o PR em matéria de política externa. É que é o Governo que conduz a política externa»

te de combate. Talvez as recordações fossem diferentes se tivesse estado na frente. Por isso, as minhas recordações são melhores do que as que guardam outros que estiveram em África. Penso que os Africanos guardam

um grande respeito pelos militares portugueses.

A Europa e as regiões

«O Diabo» — Mudando de área, se bem que não de tema: Portugal perde ou ganha com o processo europeu de regionalização?

C. S. — A construção da Europa deve fazer-se no respeito das identidades e das diversidades dos países europeus. Esta diversidade traduz-se, nuns países, em regiões, que por vezes assentam numa base histórica profunda (Alemanha, Itália, algumas regiões de Espanha). Noutros países, como Portugal, a identidade nacional forjou-se ao longo de oito séculos e meio nas mesmas

«Utilização da Base das Lajes pelos EUA é concedida caso a caso»

fronteiras, sem diferenças linguísticas, étnicas ou religiosas.

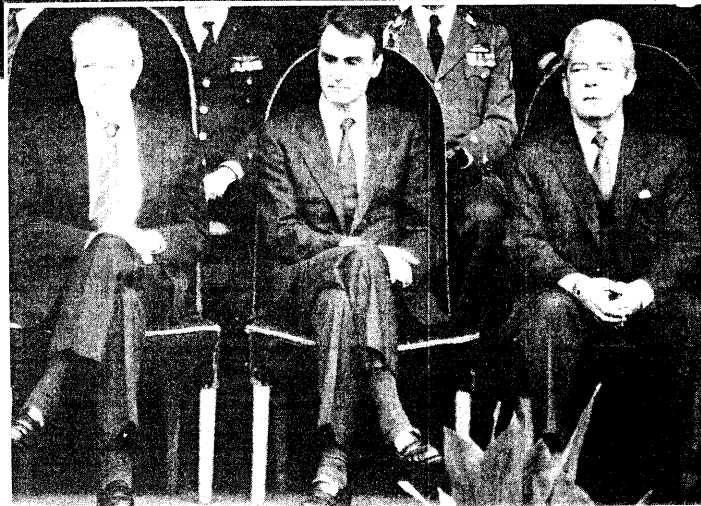
A Europa deve saber respeitar as diferenças e estou certo de que irá fazê-lo.

De Espanha, bom vento...?

«O Diabo» — O que pensa de uma campanha de publicidade espanhola, relativamente presente, que mostrava os nossos vizinhos como «a fronteira mais ocidental» da Europa?

C. S. — Qualquer um pode cometer erros, até os especialistas de «marketing». Não tenho complexos em relação a Espanha, nem os portugueses os têm. Temos uma das fronteiras terrestres mais antigas do Mundo, se não a mais antiga. A

«Em matéria de política externa, é fundamental que Portugal projecte uma só imagem»



«Informo semanalmente o Presidente da República sobre a nossa política externa»



«As relações com África têm de se colocar exclusivamente como problema de Estado»

ignorância do especialista do «marketing» pode diminuir o nosso papel no Mundo.

«o Diabo» — Diga uma circunstância em que não deixaríamos que as Lajes fossem utilizadas por Washington...

C. S. — Não devemos especular sobre hipotéticos cenários futuros. A base das Lajes é utilizada pelos Estados Unidos, segundo um acordo em vigor, no âmbito da NATO e pode ser usada, pontualmente, no chamado «out-of-area», ou seja, fora da área de intervenção da Aliança Atlântica. O Gover-

no português tem autorizado essa utilização caso a caso, após avaliação dos méritos próprios de cada pedido.

«o Diabo» — Pensa que somos europeus ou euro-africanos?

■ «O nacionalismo saudável não faz mal a ninguém»

C. S. — Portugal é um país europeu e atlântico. O Atlântico é aliás um eixo primordial da nossa história e da nossa política externa, na actualidade: pelo Atlântico estamos ligados aos Estados Unidos, ao Brasil e a África.

Por isso, e simultaneamente, participamos na construção da Europa do futuro, preservamos uma aliança privilegiada com os Estados Unidos e reforçamos as ligações com o Brasil

e com os países africanos de língua portuguesa.

Conhece mais algum país europeu, da dimensão de Portugal, que possa fazer o mesmo, que tenha uma política externa tão universal?

Ser patriota

«o Diabo» — Pensa que o patriotismo é um valor em crise? E o nacionalismo? E, já, agora, o internacionalismo?

C. S. — Patriotismo é um dos valores mais referido nos dias de hoje pela juventude portuguesa. Não creio que esteja em crise. O nacionalismo saudável, não xenóforo nem chauvinista, não faz mal a ninguém. O internacionalismo soviético está em crise. O que não está em crise é a internacionalização dos valores ocidentais, do pluralismo, da tolerância e do respeito dos direitos do homem.

«o Diabo» — Quando o investimento estrangeiro aumenta em Portugal, há quem diga que estamos a ser «comprados». Quando diminui, afirma-se que estamos em crise. Como sair deste círculo vicioso dos comentaristas?

C. S. — Trata-se de uma visão paroquial e fechada. Quem afirma isso ainda não se deu conta que em 1993 estarão em pleno vigor as quatro liberdades previstas no Acto Único Europeu: as liberdades da livre circulação de pessoas, de mercadorias, de serviços e de capitais. A tendência é para a globalização e para a internacionalização das economias. Nesta perspectiva, pode ser útil o investimento estrangeiro em Portugal, mas também o investimento português no estrangeiro, que agora começa a assumir

■ «Há 'lobbies' em toda a parte. Prefiro 'lobbies' às claras»

alguma expressão. Se há fuga de capitais, por desconfiança em relação à política e à estabilidade do país, tal pode significar que há crise. Não tem sido o caso nos últimos 5 anos. Pelo contrário, há investimentos que são estrategicamente favoráveis ao nosso desenvolvimento e devem ser incentivados.

-se assim em relação a todos os países. Portugal tem relações privilegiadas com alguns países. Por exemplo, com os Estados Unidos. Mas isso não significa que não defendamos os nossos interesses — ao invés, temos relações privilegiadas precisamente porque elas convêm ao interesse nacional.



«A ignorância do director do «marketing» que lançou a campanha 'Espanha, a fronteira mais ocidental da Europa' desconhece a realidade»

«o Diabo» — Quais são os maiores amigos e inimigos portugueses em política externa? Concorde com a noção de que os Estados não possuem amigos, mas interesses?

C. S. — A política externa visa a defesa dos interesses de Portugal no Mundo. Faz

«Lobbies»

«o Diabo» — Pensa que há «lobbies» estrangeiros demasiado poderosos em Portugal?

C. S. — Há «lobbies» em toda a parte. Compete aos Governos saber tomar decisões evitando influências. Prefiro «lobbies» às claras. Nunca senti ser condicionado por um «lobby» ao tomar uma decisão. Faço aquilo que considero o melhor para o País. Ninguém pode dizer

diferenças: diga cinco aspectos em que a política externa do Governo diverge totalmente da política externa proposta pelo maior partido da oposição, o PS...

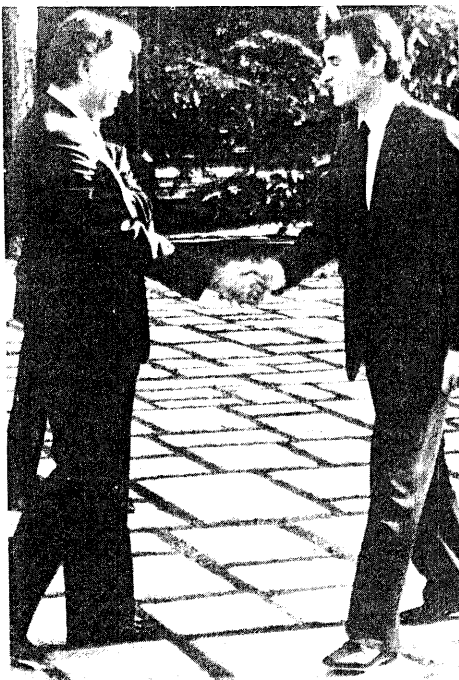
C. S. — Há um amplo consenso em Portugal em matéria de política externa: a vocação europeia, a política africana, a Aliança Atlântica, as relações privilegiadas com os Estados Unidos e o Brasil, a presença portuguesa na Ásia. O Partido Socialista, tirando a pirotecnia

■ «Em política externa, o PS, tirando a pirotecnia verbal, está muito perto das posições do Governo»

que o Primeiro-Ministro faz isto ou aquilo para agradar ao grupo A ou ao grupo B.

«o Diabo» — Falando de

verbal, está muito próximo das posições do Governo. A diferença deve estar na execução da política.



«Não tenho complexos em relação a Espanha: não se pode apagar a fronteira mais antiga da Europa»